

Editorial

Nos últimos anos, em especial nas duas décadas passadas, a humanidade assistiu a uma intensa mudança de conceitos e hábitos, que invadiu a vida de todas as pessoas.

Os brasileiros de idade mais elevada sem dúvida se lembrarão de que nas décadas de 40 e 50 recebiam – via Agências Internacionais – confusas notícias sobre máquinas maravilhosas que realizavam operações quase miraculosas. Naquela longínqua e tranqüila era, entretanto, as preocupações ligadas à II Grande Guerra e aos problemas pátrios (getulismo, “quarteladas” diversas, construção de Brasília, etc.) impediam que valorizássemos adequadamente essas notícias, sendo o computador visto como uma curiosidade, um modismo momentâneo, enfim, “coisas de americano”. O próprio florescimento da literatura de ficção científica (foi a época áurea de Asimov, Arthur Clarck e vários outros) contribuiu para que não atentássemos muito para aquelas novidades.

Já na década de 60, no entanto, o assunto passou a ser considerado mais seriamente. As notícias vindas de fora – pouquíssimos privilegiados tinham acesso direto aos fatos – davam conta dos progressos do que então passou a ser chamado de “informática”, e o tema adquiriu maior interesse.

Porém, foi só durante os 10 anos seguintes que a geração de 40 se viu frente com essa assustadora tecnologia, que lentamente começou a invadir nossas vidas. Aos poucos, a informática foi alcançando a todos, quer a partir de um controle mais rígido que a Secretaria da Receita Federal conseguiu imprimir aos contribuintes, quer na progressiva informatização de bancos, ou até mesmo na simples tarefa de reserva de uma prosaica passagem aérea. Nesse período, os primeiros e incipientes “computadores pessoais” começaram a ser comercializados entre nós, surgindo mesmo alguns cursos que ensinavam (geralmente os mais jovens) a lidar com a “fera”.

E nos anos 80 e 90 a explosão aconteceu! Tudo, desde o atendimento médico em ambulatórios até em muitos consultórios de clínica privada – para ficar só na área de atendimento à saúde – tornou-se paulatinamente dependente dos computadores e, no campo das comunicações, da *internet*. Já é comum que, nos tradicionais cartões pessoais venha anotado, não apenas o endereço postal e o telefone das pessoas, mas também o número do FAX e o endereço de E-mail. Note-se que essa invasão ocorreu em todos os níveis da vida, com todos os tipos, modelos e tamanhos de computadores, desde os maiores (folhas de pagamento e contribuições previdenciárias, por exemplo), até os menores, nos quais

hoje são feitos os cartões de Natal dos amigos. Até Editoras de livros e revistas como a nossa "solicitando" (leia-se "exigindo") dos autores que entreguem seus originais, não mais datilografados naquelas famosas "3 vias com amplas margens e espaço duplo", mas sim em disquetes ou via E-mail. Pode-se dizer, sem dúvida, que os ainda resistentes vão, seguramente, aderir à informática.

Muito se tem discutido se isso significará ou não o fim de livros, revistas ou boletins impressos em papel, veículos que vem nos acompanhando não apenas nos momentos de lazer mas também como preciosos instrumentos de aprendizado e aperfeiçoamento técnico e científico.

Sinceramente, não creio que isso vá acontecer, ao menos à curto e médio prazo. A sensação de ter em mãos um impresso, a facilidade de transportá-lo e a vantagem das facilidades de leitura seguramente ainda farão deles, por muito tempo, valiosos companheiros. Mas a revolução, sem dúvida está a caminho.

Claro que a informática apresenta aspectos tentadores e facilidades sedutoras. O sucesso do recém lançado CD contendo as matérias dos primeiros 10 anos de nossa Revista é uma prova disso. Nele condensam-se, em pequeno espaço, as publicações de centenas de autores de centenas de textos de 22 exemplares de Revista que, a serem consultados na forma impressa seriam de muito mais difícil acesso e recuperação. Mas mesmo assim, ao menos para um grande número de pessoas, há clara preferência para o velho modelo "tinta sobre papel"...

Inegavelmente, é possível admitir que, no futuro, os impressos tradicionais cedam lugar à divulgação e aos livros e revistas em CD, distribuídas pela *internet* ou em outros formatos eletrônicos. Mas, ao menos até onde podemos vislumbrar, nossa Revista continuará ainda durante muito tempo a ser feita e distribuída no modelo atual, ficando a informática como uma forma complementar de apresentação.

Quem viver verá...

Nelson Vitiello